



ÓSCARES DA ACADEMIA
MELHOR DOCUMENTÁRIO
VENCEDOR

À PROCURA DE SUGAR MAN

um filme de
MALIK BENDJELLOUL



À PROCURA DE SUGAR MAN

um filme de
MALIK BENDJELLOUL

Rodriguez é o maior ícone de rock dos anos 70 que nunca chegou a ser. Momentaneamente aclamado como o melhor cantor e compositor da sua geração, Rodriguez caiu no esquecimento – re-nascendo das cinzas num contexto completamente diferente, a um continente de distância. À PROCURA DE SUGAR MAN é um filme sobre a esperança, a inspiração e o poder de repercussão da música.





SINOPSE

No final dos anos 60, um músico foi descoberto num bar de Detroit por dois produtores importantes que ficaram entusiasmados pelas melodias comoventes e as letras proféticas. Gravaram com ele um disco que acreditavam poder assegurar a sua reputação como um dos maiores artistas da sua geração. Na verdade, o álbum foi um fiasco e o cantor desapareceu na obscuridade por entre rumores de um horrível suicídio em palco. Mas um disco contrabandeado chegou à África do Sul do apartheid e, no decurso das duas décadas seguintes, transformou-se num fenómeno. Dois fãs sul-africanos resolveram, então, procurar saber o que realmente aconteceu ao seu herói. A investigação levou-os a descobrir uma história ainda mais extraordinária que qualquer dos mitos existentes em torno do artista conhecido como Rodriguez. Este é um filme sobre a esperança, a inspiração e o poder de repercussão da música.

ENTREVISTA COM O REALIZADOR MALIK BENDJELLOUL

Quando e como descobriu esta história?

Em 2006, depois de cinco anos a fazer documentários na Suécia, passei seis meses a viajar em África e na África do Sul à procura de boas histórias. Na Cidade do Cabo, conheci Stephen “Sugar” Segerman que me falou de Rodriguez. Fiquei sem saber o que dizer, nunca na minha vida tinha ouvido uma história tão boa. Isto foi há cinco anos e tenho trabalhado neste filme mais ou menos todos os dias desde então.

Quais foram as suas primeiras impressões quando ouviu a música de Rodriguez pela primeira vez?

Nunca tinha ouvido a música do Rodriguez antes de Stephen Segerman me falar dele. Fiquei tão apaixonado pela história que quase tive medo de conhecer a obra – pensei que havia muitas poucas hipóteses de que a música fosse tão boa como a história, que ficaria desapontado e perderia o entusiasmo. Comecei a ouvi-lo quando voltei à Europa e nem queria acreditar – literalmente, pensava que os meus sentimentos pela história estavam a influenciar o meu julgamento e que precisava de pôr outras pessoas a ouvir a música para ver se concordavam comigo. A reacção delas convenceu-me – eram mesmo canções que estavam ao nível do melhor trabalho de Bob Dylan e até dos Beatles.

Toda a gente diz que a música de Rodriguez é folk mas eu acho que é tão folk como os Beatles. As canções de Rodriguez são todas muito diferentes. Algumas são folk, outras são rock, algumas são pop e outras ainda são blues. Tal como qualquer grande artista, Rodriguez é difícil de catalogar porque cada canção tem algo de diferente.

Ao longo da história de Rodriguez, o filme mostra um assunto de que normalmente não se fala, a agitação contra o governo do apartheid na África do Sul por parte dos brancos afrikaans. Conhecia isto antes de fazer o filme?

O apartheid era um assunto que estava sempre nas notícias quando eu era jovem, mas parece que desde que Mandela chegou ao poder pouco se fala sobre esse tempo. É estranho que durante quase 50 anos – até meados dos anos 90 – tivesse havido um país no mundo que sobrevivia com uma ideologia semelhante à do Terceiro Reich de Hitler. Mandela implementou uma política de reconciliação, filosofia que eu acho muito inteligente, mas acho que precisamos de saber mais sobre esses tempos do que sabemos agora. Nunca tinha ouvido falar de um movimento opositor liberal branco; tudo isto era novo para mim.

O regime do apartheid era muito racista mas os brancos liberais eram, provavelmente, mais anti-racistas que os liberais brancos americanos da altura. Os liberais sul-africanos não viam qualquer problema no facto de um cantor ter um nome e aspecto hispânico. Nesse tempo, nos Estados Unidos, supunha-se que alguém chamado Rodriguez devia tocar música mariachi. Rodriguez representava um desafio sério à cena rock branca – os Lou Reed e Bob Dylan deste mundo – que continuava, naquela altura, a ser um clube exclusivo na Europa e Estados Unidos.

Fiz vox-pops ao acaso nas ruas da Cidade do Cabo – uma em cada duas pessoas conhecia Rodriguez, independentemente da idade ou género.



Quais foram os maiores desafios na realização deste filme?

O mais difícil foi levar as pessoas certas a acreditar no projecto. Pensava ser evidente que estávamos perante uma boa história – se fosse escrito por um argumentista, toda a gente pensaria que era exagerado, demasiado incrível para fazer sentido. Pensava que o facto de ter realmente acontecido – e a forma como aconteceu – seria suficiente para atrair investidores. No entanto, a história atraiu toda a gente menos os investidores. Talvez por vir de um realizador estreante.

Ainda tenho um email na minha caixa de correio de um conhecido financiador cinematográfico a quem enviei o filme quando estava quase pronto. Disse-me que não conseguia ver nenhum filme naquele material, que no máximo daria para um documentário televisivo de uma hora e, como tal, não me poderia financiar. Fiquei devastado, pensei que sem aquele dinheiro estava perdido e teria de desistir do filme. Não recebia um salário há três anos e tinha de procurar um emprego a sério. Ao mesmo tempo, pensei que seria um desperdício não acabar o filme. Ainda tinha de arranjar forma de pagar a um editor online, a um compositor para a banda sonora e a um animador para as ilustrações. Elementos dispendiosos necessários para completar o filme e sabia que não tinha dinheiro para isso.

Então, um dia, decidi ver o que conseguia fazer sozinho. Comecei por pintar eu próprio as animações. Passei um mês a pintar com giz na mesa da minha cozinha. Nunca tinha pintado na vida mas pensei que os meus esforços podiam ser suficientes como esboços e assim reduzir o trabalho do verdadeiro animador mais tarde. E a seguir tentei o mesmo com a música. Utilizei um software midi de 500 dólares e compus uma demo da banda sonora original. E montei o filme o melhor que pude no Final Cut.

E foi aí que a minha sorte mudou – contactei os produtores Simon Chinn e John Battsek e mostrei-lhes aquilo que tinha feito. Adoraram o filme. Ajudaram-me muito e tiveram muitas ideias criativas úteis. Quando lhes perguntei quem é que devia acabar a montagem, a animação e a música, surpreenderam-me ao dizer que todos esses elementos já ali estavam. De repente, sem saber como tinha acontecido, o filme estava finalizado. Estava finalmente acabado.

O que pensa do filme agora? É aquilo que imaginava quando começou o projecto?

Quando embarquei no projecto tinha assumido que seria um documentário de meia hora para a televisão, o tipo de projecto a que estava habitualmente ligado. Mas apaixonei-me completamente pela história e não consegui deixar de parar de trabalhar nela. Nunca antes tinha passado mais de um mês num único projecto; contei os dias na semana passada – passei mil dias neste. Ao fim dos primeiros seis meses tinha 80% do filme feito, os últimos três anos têm sido focados em acabar os últimos 20%. Foi uma diferença da noite para o dia quando Simon Chinn e John Battsek se juntaram ao projecto. Eles são tão inteligentes, efectivos e talentosos. Para ser sincero, o envolvimento deles equivale ao valor de mais um ano de trabalho suplementar no filme. É difícil para um realizador estreante convencer as pessoas certas da força da sua história. A primeira vez que telefonei ao Simon só consegui chegar à recepcionista. Pedi para ter três minutos ao telefone com o Simon e prometi que lhe contaria uma história “tão boa como ‘Homem no Arame’”.

O que sente em relação à estreia do filme no Festival de Sundance?

É fantástico. Sundance era o primeiro objectivo desde o princípio do filme. Estava preparado para montar durante um ano mais para voltar a submeter o filme para Sundance 2013, se não tivesse sido aceite, por isso, estou encantado. É uma história americana e acho que Sundance é o sítio mais indicado para estrear o filme.

O que espera que os espectadores retirem deste filme?

Espero que os espectadores tenham uma reacção emocional. Acho que a maioria dos cineastas espera que o seu trabalho tenha um impacto emocional – físico – e não só intelectual. Quando vejo um filme ou leio um livro se fico, nem que seja apenas por um momento, com pele de galinha ou com uma lágrima no canto do olho, isso é uma recompensa muito maior do que qualquer recompensa apenas intelectual. É difícil chegar a uma audiência de uma forma profunda; as pessoas têm muitas barreiras. Contar uma história suficientemente boa que seja capaz de envolver completamente os espectadores é um enorme desafio. Se as pessoas não estiverem 100% atentas, as barreiras mantêm-se.

O que foi aprendendo no desenvolvimento deste filme?

Aprendi que é possível viver segundo os nossos próprios termos. Mesmo que signifique um grande sacrifício, a vida é nossa e arrependê-nos-emos se não tentarmos. Rodriguez não se queria sujeitar a qualquer regra ou formato. Dizia o que queria dizer e depois esperava que as pessoas se sentissem atraídas pela sua música e pelo seu etos, e não ao contrário. Penso que é algo que todos podemos aprender com ele. Talvez se possa conseguir mais sucesso e mais dinheiro comprometendo os sonhos mas não vão por aí! Rodriguez costuma repetir o dito “não se deve aceitar doces de estranhos”. Isto pode aplicar-se à realização de filmes. Os cineastas podem ir a um instituto de cinema para conseguir financiamento e pensar que todos os seus problemas estão resolvidos, mas isso vem com sacrifícios. Talvez consigam o dinheiro, mas talvez o consigam um ano tarde demais e tenham perdido a inspiração e a paixão. Quem quer manter-se fiel a si próprio tem de estabelecer as suas próprias regras – usar o seu próprio dinheiro e se tiver pouco, fazer um filme mais barato. Isto é mais fácil com tecnologia digital mais barata. Se acabar por ser um bom filme, podemos vendê-lo e com o lucro financiar o filme seguinte. Os tempos mudaram – realizar filmes já não é tão dispendioso. A minha directora de fotografia, Camilla Skagerstrom, ganhou o Prémio Especial do Júri em Cannes em 2011 com uma curta-metragem que fez com 3000 dólares do seu próprio bolso. Não transigiu. Se queres fazer um filme, tem de ser o teu filme, nos teus termos e com a energia que só se consegue com esse, se calhar, equívoco de que tudo é possível e todos os teus sonhos se podem concretizar. Não esperem pelo dinheiro até perder o entusiasmo – façam-no de qualquer maneira.

Da mesma forma, Rodriguez acabou por encontrar a sua audiência à sua maneira. Porquê: porque se manteve fiel aos seus ideais. Tanto assim é que quase parece que escondeu de propósito o seu talento e evitou o sucesso. Mas no fim, acabou por ser ao contrário. A sua criatividade manteve-se intransigente e, como tal, sem falhas. Acho que é algo que qualquer artista deve ponderar cuidadosamente. A sua verdadeira fortuna reside na integridade, na dignidade, na inspiração e na paixão. Protejam isto a todo o custo.

NOTAS DA CRÍTICA INTERNACIONAL

“Com os seus 85 minutos, é uma realização difícil e fechada, no entanto aquilo que mais gosto no filme é a sua simplicidade: avança num ritmo relaxado, em sintonia com o assunto ligeiramente etéreo.”

Michael Philipps , “Chicago Tribune

“Espero que possam ver este filme. Merecem vê-lo. E sim, existe porque também precisamos dele.”

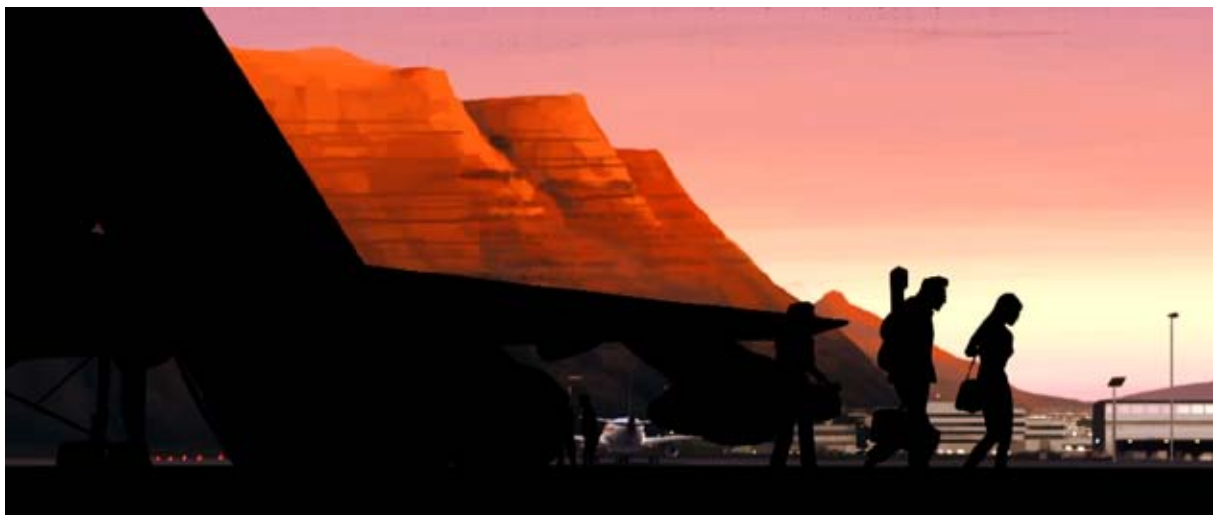
Roger Ebert, “Chicago Sun Times”

“Um fantástico documentário musical com uma volta surpreendente; o que, quando é feito tão bem como neste caso, funciona de forma tão efectiva para quem conhece ou para quem não conhece o que vem depois.”

Ian Buckwalter, “The Atlantic”

“A história de Sixto Rodriguez, milagroso escritor de canções, é objecto de um documentário impressionante com uma banda sonora sublime.”

“Les Inrocks”





MALIK BENDJELLOUL

REALIZADOR, PRODUTOR, CÂMARA E MONTADOR

Vive em Estocolmo e há 12 anos que realiza documentários, principalmente sobre músicos. Em 2001, realizou o primeiro documentário sobre os Kraftwerk, os pioneiros alemães da música electrónica. Também fez uma série sobre a história do heavy metal e colaborou com Björk, Sting, Elton John, Rod Stewart, Madonna, Mariah Carey, U2 e Kylie Minogue, tendo ainda realizado um filme sobre um concerto de Prince. Trabalhou igualmente como director e produtor criativo do programa cultural internacional “Kobra” da televisão sueca.

SIMON CHINN

PRODUTOR

Em 2005 criou a sua própria empresa de produção, a Red Box Films, para produzir “O Homem no Arame”, realizado por James Marsh, que ganhou o Oscar de melhor documentário e mais uma trintena de prémios internacionais, e o filme seguinte de Marsh, “Project Nim”, que arrecadou o prémio World Cinema Documentary Directing no Festival de Sundance em 2011.

Suécia/Reino Unido | 2012 | 85 min. | 1.85:1 | Cor | Dolby Digital 5.1

Distribuído por Alambique

